



UFSC

Artigo de reflexão

Reflexões acerca da saúde mental a partir da enchente de 2024 no Sul do Brasil

Reflections regarding mental health after the 2024 floods in the south of Brazil

Reflexiones sobre salud mental tras las inundaciones de 2024 en el sur de Brasil

Maria de Lourdes Custódio Duarte¹ , Daniela Giotti da Silva¹ , Alessandra Porto d'Ávila¹ , Eduarda Paza Dias¹ , Natália Klauck de Souza¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Objetivo: refletir sobre as prováveis repercussões na saúde mental a partir da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul. **Método:** estudo teórico-reflexivo baseado na formulação discursiva acerca da temática, sustentado pela literatura científica nacional e internacional e análise crítica das autoras. **Resultados:** as reflexões vão além do impacto na infraestrutura local, geram diversos problemas de ordem individual, familiar, comunitária, social e psíquica. As enchentes repercutiram na saúde mental da população, despertando sentimentos como ansiedade, depressão, medo, irritabilidade e distúrbios do sono. **Conclusão:** os efeitos psicossociais causados pela vivência dos desastres climáticos podem ter consequências a longo prazo muito mais graves do que o esperado, uma vez que os sintomas e sentimentos podem persistir por muito tempo, o que pode afetar a sua funcionalidade e atrapalhar o seu cotidiano, além disso, a capacidade de enfrentamento pode estar prejudicada dependendo do grau de sofrimento em que o indivíduo se encontre.

Descritores: Saúde Mental; Impacto Psicossocial; Desastres Naturais; Enfermagem de Desastres; Política Pública

Abstract

Objective: to reflect on the likely mental health repercussions of the 2024 floods in Rio Grande do Sul. **Method:** theoretical-reflective study, based on discursive formulations about the topic and supported by national and international scientific literature and by a critical analysis carried out by the authors. **Results:** the reflections here go beyond the impact of the flood on local infrastructure, as it generates individual, family, community, social, and psychic issues. The floods had repercussions on the mental health of the population, triggering feelings such as anxiety, depression, fear, irritability, and sleep disorders. **Conclusion:** the psychosocial effects of experiencing these climate disasters may lead to long term consequences much more severe

than expected, since symptoms and feelings may persist for a long time, which can affect their functionality and impair daily life. Furthermore, their coping capacity may be harmed, depending on the degree of suffering of the individual.

Descriptors: Mental Health; Psychosocial Impact; Natural Disasters; Disaster Nursing; Public Policy

Resumen

Objetivo: reflexionar sobre las probables repercusiones de las inundaciones de 2024 en Rio Grande do Sul. **Método:** estudio teórico-reflexivo basado en una formulación discursiva con respeto al tópico, sustentado por la literatura científica nacional e internacional y análisis crítico de las autoras. **Resultados:** las reflexiones ultrapasan el impacto en la infraestructura local, generando muchos problemas individuales, familiares, comunitarios, sociales, y psíquica. Las inundaciones tuvieron repercusiones en la salud mental de la población, despertando sentimiento como ansiedad, depresión, miedo, irritabilidad, y trastornos del sueño. **Conclusión:** las consecuencias a largo plazo de los efectos psicosociales causados por la experiencia de los desastres climáticos pueden ser mucho más graves que lo esperado, pues los síntomas y sentimientos pueden persistir por mucho tiempo, lo que puede afectar la funcionalidad y molestar su cotidiano. Además, su la capacidad de enfrentamiento puede estar perjudicada dependiendo del grado de sufrimiento de la persona.

Descriptores: Salud Mental; Impacto Psicosocial; Desastres Naturales; Enfermería en Desastre; Política Pública

Introdução

Os desastres podem ser definidos como resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e os consequentes prejuízos econômicos e sociais. Os desastres desencadeados por fenômenos naturais são classificados como de origem climatológica (seca, estiagem, incêndios florestais), hidrológica (inundações, enxurradas e alagamentos), meteorológica (ciclones, tornados, ondas de calor), geológica e geofísica (deslizamentos, erosão e terremotos) ou biológica (epidemias, infestações de pragas).¹

Dentre os inúmeros desastres ambientais que afetam a vida de milhões de pessoas no mundo, quase a cada segundo uma pessoa é deslocada por um desastre. Em média, 25 milhões de pessoas precisam se deslocar anualmente por esse motivo.²

Ao analisar os últimos 20 anos, vê-se que os países do continente americano não são os que mais sofrem esses impactos. No entanto, o Brasil aparece na lista dos 10 países mais afetados por esses eventos em números absolutos (51 milhões de pessoas).¹

Suas causas e consequências, bem como as respostas e as ações para prevenção e mitigação vêm se tornando temas de interesse após inúmeros alertas

da comunidade científica sobre o potencial de mudanças ambientais em larga escala. Essas alterações climáticas resultam no aumento da frequência e intensidade das chuvas e de outros eventos extremos.³

Um exemplo dessa situação foi a enchente de maio de 2024 que o Estado do Rio Grande do Sul (RS) enfrentou, atingindo-o em proporções sem precedentes em sua história. As intensas chuvas que assolaram a região resultaram em aumento dos níveis dos rios, transbordamentos generalizados e inundações devastadoras em diversas cidades e municípios. No início do mês de maio, a quantidade de chuva era tamanha que 7 cidades do RS foram ranqueadas entre as que tiveram o maior índice pluviométrico do mundo.⁴

A magnitude dessa enchente foi avassaladora, afetando inúmeras famílias em toda a região. Casas foram inundadas, propriedades foram destruídas, e comunidades inteiras foram forçadas a evacuar suas residências em busca de segurança. Ademais, com estradas bloqueadas e pontes danificadas, o acesso a serviços básicos, como água potável e eletricidade, foi severamente comprometido, afetando milhares de pessoas.⁵

As enchentes encontram-se entre os desastres naturais que se caracterizam por alta frequência, sendo responsáveis por grande proporção de danos à infraestrutura local e pública, às habitações e às condições de vida das comunidades e das sociedades.⁶

No caso da enchente vivenciada pelo povo gaúcho, foi necessária a organização de locais de acolhimento para os desabrigados, desencadeando impacto no bem-estar físico e mental. Problemas de saúde mental e psicossocial podem surgir quando as pessoas estão isoladas de sua própria família ou comunidade ou quando são forçadas a conviver com outras que não conhecem.⁷

Durante uma situação de desastre, na maioria das vezes, o sujeito se depara de forma abrupta com a realidade. Nesse momento, o sistema nervoso se altera e pode afetar as respostas imunológicas, gerando sensações emocionais intensas que podem ir do medo paralisante à agitação desordenada, da dor extrema à ausência de dor.⁸

Esses eventos climáticos são episódios desorganizadores e com potencial de adoecimento físico e psíquico, em que ficam suscetíveis as pessoas atingidas direta ou indiretamente, acarretando o surgimento de sintomas psicossomáticos como dores e

agravos em geral. A dor pode ser intensificada quando acontecem perdas materiais e pessoais, uma vez que o sujeito precisa lidar com o luto e com uma nova adaptação de sua vida. Nesse sentido, a readaptação será facilitada quando ele encontra apoio psicossocial, não necessariamente sendo limitada aos serviços especializados.⁸

Nesse cenário, a perspectiva psicossocial pressupõe a combinação das relações que o indivíduo mantém com a sociedade com o desenvolvimento do seu psiquismo e abarca questões que vão desde o suporte emocional, saúde física e mental até o apoio social, que inclui aspectos de suporte material, sanitário e espiritual. Assim, compreender e ampliar as discussões sobre os aspectos da saúde mental no contexto de desastre é fundamental, visto que as consequências psicossociais decorrentes de um desastre extrapolam as lesões físicas e emocionais e das perdas materiais e humanas.⁹

Esta reflexão justifica-se uma vez que os desastres naturais ocupam cada vez mais a agenda científica e governamental do país e, em nível mundial, com o fato de terem ocorrido inúmeros desastres, catástrofes e acidentes de origem natural ou humana nas últimas décadas. Recentemente, destacam-se, pela sua especificidade, situações como a pandemia da COVID-19 e a guerra na Ucrânia, bem como consequências de alterações climáticas expressas em tempestades intensas e súbitas. Todas estas situações têm em comum o fato de desencadearem estresse intenso e emoções negativas que constituem fatores de risco do adoecer psicológico.¹⁰

Com este estudo, pretende-se oferecer uma compreensão desse evento, em suas circunstâncias, e como repercutem na saúde mental das pessoas afetadas, visto que as enchentes abalam a sociedade em todas as suas esferas. Assim, teve-se por objetivo refletir sobre as prováveis repercussões na saúde mental a partir da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul.

Método

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo baseado na elaboração discursiva sobre a temática abordada e fundamentado na literatura científica nacional e internacional, além das percepções e análise crítica das autoras.

Realizou-se nas bases de dados eletrônicas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Sistema Regional de *Información en Línea* para Revistas Científicas de América

Latina, el Caribe, España y Portugal (Latindex), National Library of Medicine (PubMed) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), no período de maio a julho de 2024. A seleção dos descritores utilizados no processo de busca foi efetuada mediante consulta ao Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo estes: "desastres naturais", "saúde", "impacto psicossocial", "saúde mental". Considerou-se o período de 2019 a 2024 devido ao aumento de publicações sobre desastres nos últimos cinco anos. Além disso, destaca-se que as reflexões a serem tecidas resultaram das interpretações da literatura e, também, das impressões reflexivas das autoras.

Resultados

Refletindo sobre as repercussões da saúde mental diante da enchente no Rio Grande do Sul

Nos últimos anos, vem ocorrendo um aumento na frequência e intensidade dos desastres naturais, em todo o mundo. Esse crescimento pode ser decorrente da maneira com que as cidades se expandiram nos últimos anos, fazendo com que áreas impróprias fossem ocupadas, ampliando as situações de risco; das alterações ambientais provocadas pelas atividades humanas, causando desequilíbrio do meio físico; da variabilidade climática que também contribuiu para o aumento da frequência e intensidade dos desastres.¹¹

No Brasil, houve um crescimento considerável no número de desastres. No ano de 2011, foram registradas mais de 900 mortes advindas de impactos como inundações e deslizamentos de terras provocados pela chuva, tendo a Região Sudeste como a que mais sofreu destruição e a Região Sul com o maior número de pessoas afetadas.¹¹

No RS, em 1941 houve a chamada Grande Enchente. Em Porto Alegre, foram 22 dias de chuva durante os meses de abril e maio, resultando na maior catástrofe climática vivida até então na cidade. As águas do Lago Guaíba chegaram ao recorde histórico de 4,76 metros acima do nível normal.¹²

Em uma população de 272 mil habitantes, 70 mil pessoas tiveram que abandonar suas casas, além de inúmeros prejuízos financeiros com mais de 600 empresas afetadas, levando meses para retornarem às atividades ou decretando falência. Além disso, os agricultores também foram impactados pelo desastre, uma vez que o número daqueles

que abandonaram as atividades agrícolas nas ilhas foi relevante, ampliando o êxodo rural em curso desde as primeiras décadas do século 20.¹³

Sendo assim, a enchente de 1941 foi decisiva para a construção do Sistema de Proteção Contra Cheias, que é composto pelo muro da Avenida Mauá (onde fica parte das comportas), com uma extensão de mais de 2 mil metros, que ficou conhecido como “Muro da Mauá”, além do muro de concreto no Centro Histórico, casas de bombas e diques espalhados por diferentes pontos, finalizado na década de 1970. Ao todo, são 68 quilômetros de estrutura que compõem um sistema que deveria proteger a cidade de cheias de até 6 metros.¹²

Entretanto, a falta de manutenção nas estruturas de controle das águas, contemplando rachaduras espalhadas pelos muros de contenção, além de falhas operacionais nos sistemas de escoamento das comportas, resultaram em vazamentos e na inundação que ocorreu em maio de 2024 na capital gaúcha e região metropolitana.⁴

Em 2024, a população gaúcha se deparou com um dos maiores desastres já ocorridos, em relação a enchentes. Desta vez mais intensa, quando comparada com a de 1941, pois apenas seis dias de chuva foram suficientes para causar problemas ainda maiores. Os valores, superiores a 700 mm em algumas localidades do estado, evidenciaram a magnitude deste evento perante o maior registro histórico, elevando o nível do Lago Guaíba a 5,33 metros.⁴

As chuvas intensas atingiram primeiramente as regiões do Vale do Taquari, formado por cidades como Estrela, Lajeado, Roca Sales, Muçum, Arroio do Meio e Cruzeiro do Sul – municípios que haviam enfrentado recentes enchentes e se encontravam em situação de inundação severa.⁴ Esse acúmulo das águas associado ao grande volume de chuvas teve como consequência o aumento do nível do Lago Guaíba, ocasionando alagamento primeiramente na região central da capital gaúcha e, posteriormente, estendendo-se para os demais bairros afetados e região metropolitana, na primeira quinzena de maio.

No dia 18 de junho, o número de mortos chegou à marca de 177, segundo relatório divulgado pela Defesa Civil, além de 806 pessoas feridas e 34 desaparecidas. Ao todo, 478 municípios, de um total de 497, foram atingidos pelas ocorrências climáticas e mais de dois milhões de pessoas foram afetadas em todo o estado. Dessas,

mais de 350 mil pessoas foram desalojadas e aproximadamente 10,5 mil foram para abrigos temporários.⁵

Os abrigos são as instalações que hospedam as pessoas que tiveram suas comunidades e residências afetadas por eventos adversos provocados por desastres naturais, tornando-as impróprias temporária ou definitivamente para acesso ou habitação. Os planos de contingência, em geral, definem os espaços de abrigamento para os quais as famílias são realocadas provisoriamente, como escolas, ginásios desportivos e centros de exposição, que comumente fornecem espaço com capacidade de comportar um grande número de pessoas.⁷

Os abrigos temporários são estruturados para atender às populações afetadas por grandes catástrofes naturais, principalmente aquelas em situações de alagamentos e enchentes. O abrigo deve ser um espaço de caráter transitório com condições mínimas para uma vida digna, exigindo que haja articulação multiprofissional para a sua efetividade.⁷

Durante o momento emergencial vivenciado pelos gaúchos na enchente de 2024, houve um crescente número de desabrigados e a criação de locais de acolhimento foi a resposta que a sociedade encontrou, visto que muitas pessoas foram afetadas.⁵ Embora os centros coletivos sejam, frequentemente, a única opção para as pessoas deslocadas, em algumas situações, elas podem se alojar com suas famílias que oferecem acomodações, bem como apoio social.¹⁴

Devido ao avanço das águas, alguns dos abrigos montados inicialmente precisaram ser desativados, em decorrência da ampliação das zonas de risco de inundação. Assim, a demanda por acolhimento só aumentou e o número de abrigos cresceu exponencialmente, pois pessoas que acolheram parentes também precisaram evacuar as suas residências.⁵

Assim, muitos perderam suas moradias e suas fontes de renda, diversos setores da indústria e do pequeno comércio foram drasticamente afetados com o avanço das águas, causando prejuízos de ordem socioeconômica que levarão tempo para serem amenizados.⁴

Nesse contexto, os desastres climáticos causam impactos econômicos proporcionais à magnitude do evento e à extensão local que foi atingida. Estes danos se devem, principalmente, ao fato de a situação afetar diretamente a capacidade produtiva da região prejudicada, pois seus efeitos englobam impactos no estoque de capital físico,

no trabalhador e nas forças de trabalho, infraestrutura física e de transporte, recursos agrícolas, estoques em geral, entre outros.¹⁵

Dessa forma, as enchentes geram diversos impactos na economia em nível pessoal e institucional. Quando se trata do nível pessoal, muitas famílias perdem seus bens e geralmente investem em reformar suas casas e recomprar móveis. Assim, é comum que a população mais vulnerável e distanciada dos grandes centros urbanos sofra as consequências graves desses incidentes em maior intensidade.¹⁴

Entretanto, no contexto da atual situação, foram atingidas populações das mais diferentes classes sociais, que necessitaram de ajuda humanitária para conseguirem algum tipo de sustentabilidade para se reorganizarem, com suas famílias. Dessa forma, em nível institucional, também cabe ao Estado prover suporte às mesmas.¹⁴

Algumas instituições de saúde também foram atingidas, tanto pelos prejuízos em relação à estrutura física dos locais quanto aos recursos humanos, profissionais de saúde tiveram suas casas atingidas e não puderam retornar às suas atividades. Assim, os serviços precisaram ser interrompidos e a população não conseguiu acesso mesmo àqueles que não foram atingidos, restringindo a oferta de cuidado para lugares muito distantes do cenário afetado.¹⁶

Os impactos das inundações sobre a saúde podem se apresentar de forma direta ou indireta, de curto, médio e longo prazo; e atingem o indivíduo e a comunidade, tornando-se um problema de saúde pública. A busca por evidências epidemiológicas de que as inundações provocam impactos à saúde tem apresentado alguns achados, em que os mais evidentes são a ocorrência de óbitos (afogamento, choque elétrico ou trauma), lesões (contusões, lacerações ou fraturas) e doenças transmissíveis (rota fecal-oral e vetores).³

O contato com a água contaminada também pode provocar diversas doenças, com destaque para as de transmissão fecal-oral (diarreias, hepatites, gastroenterites) e vetores (dengue, hantavirose e leptospirose).³ Dessa maneira, durante o período de enchentes no RS, a leptospirose foi uma das principais doenças registradas, pois o risco de contaminação pode aumentar em até 70% nesse contexto e, além disso, mantém-se ativa após o período de inundações devido ao contato com locais infestados e resíduos.¹⁷

Nesse cenário, os impactos à saúde podem ocorrer tanto físicos quanto psíquicos. Assim, a saúde mental também pode ser influenciada pelas inundações,

sendo identificados eventos envolvendo transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), ansiedade, irritabilidade, agressividade, insônia, depressão, podendo levar ao suicídio.¹⁰

Quando a água começou a invadir as ruas e casas, as pessoas se depararam com mudanças em sua realidade de forma brusca e, com isso, começaram a experimentar sensações intensas, como medo paralisante. Essa experiência impactante rompe a organização mental do indivíduo, causando desorientação, dificuldade de tomar decisões, atordoamento e, em uma situação extrema, dissociação da realidade.⁸

As situações de emergência criam diversos problemas nos níveis individual, familiar, comunitário e social. Em cada um desses níveis, as emergências fragilizam os apoios de proteção das pessoas, aumentam os riscos e tendem a agravar as condições preexistentes de injustiça social e desigualdade.¹⁸

Tal evento afeta um grande número de pessoas, ocasionando destruição estrutural, e altera a geografia humana, provocando desorganização social pela destruição ou alteração de redes funcionais. Os desastres podem provocar medo, horror, sensação de impotência, confronto com a destruição, com o caos, com a própria morte e/ou de outro, bem como perturbação aguda em crenças, valores e significados.¹⁰

Essa tragédia afetou famílias e bairros, causando impacto na saúde mental maior que situações de crises individuais. O apoio que se poderia ter da comunidade acaba sendo inexistente, pois todas as pessoas foram afetadas e este fato aumenta o sofrimento da vítima, que não somente sofre por sua situação, mas também daqueles que lhe são próximos.¹⁹

O ser humano possui mecanismos de defesa e adaptação para lidar com estresse, tristeza e frustração, para que se possa conviver com a tensão emocional, mantendo um equilíbrio. Porém, em situações de catástrofe, estes mesmos mecanismos não são suficientes para lidar com a súbita carga emocional do momento, por se encontrar em um estado de ameaça extrema que rompe com o equilíbrio, gerando sofrimento e traumas.¹⁹

Nas situações de desastres, é muito comum ocorrer a necessidade de evacuação e deslocamento da população de suas casas para locais que estejam fora das zonas de risco. Ao precisar sair de suas residências, as pessoas experenciam situações de muito estresse, justamente pela insegurança da situação e pela incerteza do retorno ou não às

suas moradias, o que gera mudanças em suas rotinas e agrava sintomas negativos, como a ansiedade e o medo.²⁰

Nesse contexto, as pessoas que precisaram se deslocar de suas casas devido à enchente de 2024 podem desenvolver piores níveis de sintomas depressivos do que aquelas que não precisaram evacuar suas residências.⁴ Ademais, em situações em que houve aviso prévio de evacuação, o nível de estresse e desorganização psicossocial é menor do que para aquelas que não tiveram tempo hábil para organizar pertences e evacuar suas residências.² Todos esses sintomas experienciados tendem a se agravar se não houver uma intervenção precoce.³

Sempre que possível, os profissionais locais devem conduzir a resposta à emergência. A intervenção deve ser focada na proteção e no restabelecimento das condições mínimas, que incluem roupa adequada, alimentação, abrigo, saneamento e tratamento básico (incluindo medicamentos e apoio psicossocial). Sendo assim, atender as necessidades fisiológicas e biológicas também é um cuidado em saúde mental, para que as vítimas tenham conforto enquanto estão passando por essa situação extrema.⁶

Dessa forma, é importante que existam equipes preparadas para dar suporte psicossocial aos indivíduos afetados, de preferência equipes multiprofissionais, com espaços de cuidado e escuta, assim como tratamento medicamentoso específico para questões de saúde mental sempre que necessário, principalmente devido a situações de alto nível de estresse.²¹

O trabalhador da saúde intervém em qualquer momento da catástrofe utilizando uma abordagem única e individualizada, prezando aumentar a resiliência da vítima e da comunidade, como também atuando para minimizar as chances do desenvolvimento de TEPT.⁶ Dessa maneira, a resiliência nessas situações envolve os recursos e capacidades da comunidade para se recuperar e se adaptar quando exposta a um desastre.⁸

O apoio social, junto de uma intervenção precoce, é um fator relevante para gerar conforto na vida das pessoas afetadas, sendo uma forma de diminuir o impacto negativo na saúde mental. Este apoio pode ser entendido como as relações interpessoais pautadas na disponibilidade dos indivíduos e na confiança, demonstrando preocupação e valorização para com o outro. Dessa maneira, quanto menos apoio social oferecido aos indivíduos, mais aumenta o sofrimento psíquico dos mesmos.¹

São significativas as estatísticas de problemas de saúde mental em pessoas desalojadas após desastres, independentemente do *status* socioeconômico. Nestes termos, o apoio psicológico na urgência do desastre deve se estender às fases subsequentes, considerando a importância de compreender o sofrimento social implícito nesse processo de desterritorialização das vítimas, que consiste para as famílias em elemento de reconstrução da sua realidade, com implicações para a sua saúde, e da perspectiva de vida comunitária.²²

Os efeitos psicossociais causados pela vivência dos desastres climáticos podem ter consequências a longo prazo muito mais graves do que o esperado, uma vez que os sintomas e sentimentos podem persistir por muito tempo, o que pode afetar a sua funcionalidade e atrapalhar o seu cotidiano, além disso, a capacidade de enfrentamento pode estar prejudicada, dependendo do grau de sofrimento em que o indivíduo se encontra.¹

Estas consequências são exacerbadas quando se vivencia uma situação geradora de gatilho, como exemplo, as chuvas fortes que ocorreram logo após a cheia dos rios e as inundações. Sentimentos de ansiedade, depressão, medo, irritabilidade e raiva, fobias, pânico, perda de apetite, fadiga, tonturas, pesadelos, insônia reaparecem e fazem a pessoa afetada reviver toda a experiência traumática que passou, gerando consolidação do trauma e afetando sua saúde mental já fragilizada.²²

Também há a preocupação com o impacto psicológico dos desastres na saúde mental dos profissionais de saúde e de socorro, os quais podem ser também considerados como sobreviventes e vítimas, pois a presença de elevados níveis de TEPT, ansiedade, depressão, estresse ocupacional e *burnout* podem surgir após a sua atuação em desastres.¹⁰

Portanto, nessas situações, é necessário investimento na Defesa Civil, ampliando não só seus recursos financeiros e maquinários, mas também o corpo técnico-científico que opera nela em nível municipal, estadual e federal, para que possam agir com tempo e condições ideais de resgate e prevenção de desastres. Outra pauta importante consiste na educação ambiental para conscientizar a população, tanto no âmbito escolar quanto nas mídias em geral.⁴ É preciso conhecer e lembrar a história climática do estado, do Brasil e do mundo a fim de reduzir danos, sobretudo aqueles relacionados com a saúde mental da população.

Considerando o formato e as características de um estudo reflexivo, fundamentado na literatura científica nacional e internacional, trazendo percepções e análise crítica das autoras, ele pode apresentar limitações no que se refere à ausência de estudos específicos durante o período de escrita desta reflexão. A temporalidade de informações e interpretações de estudos produzidos durante a enchente de 2024 e outros cenários de desastres naturais, em relação à saúde mental da população, é decorrente de uma vivência específica deste período. Sendo assim, novas interpretações podem surgir à medida que outros estudos forem realizados, abordando repercussões na saúde mental da população atingida a longo prazo.

Fazem-se essenciais ações de prevenção e gestão de riscos, englobando trabalhos como a conscientização da comunidade, o treinamento dos profissionais responsáveis pelos primeiros socorros psicológicos e o fortalecimento do vínculo da população com a rede de serviço local, para prevenir eventos climáticos com grandes danos, ou até mesmo a sua ocorrência.

Conclusão

Esta temática torna-se pertinente visto que as consequências psicossociais ainda não são mensuráveis a longo prazo. Assim, ações multiprofissionais voltadas ao acolhimento dessas pessoas podem amenizar repercussões na saúde mental, evitando o adoecimento psíquico.

Para as autoridades e equipes de trabalho, combinam-se os esforços para mitigar os danos e controlar o risco dentro do prazo, em todas as etapas do ciclo do desastre. Embora a maioria dos países disponha de um planejamento para gestão de desastres, a capacidade decisória do órgão responsável implica um trabalho articulado com todos os setores envolvidos, como habitação, meio ambiente, educação, sistema de saúde. Assim, é dever do Estado prover uma manutenção preventiva em detrimento da corretiva, ou seja, investir em estratégias que possam prevenir, a fim de evitar que ações apenas sejam iniciadas após a ocorrência de uma calamidade, agravando ainda mais os impactos das enchentes.

Propõe-se, assim, uma participação atuante do setor da saúde articulada a uma colaboração intersetorial para redução de riscos de desastres. Faz-se essencial que as

universidades sigam promovendo ações de extensão em diversos setores da sociedade, formando futuros profissionais sensíveis e preparados para o enfrentamento de situações de calamidade, além do desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Espera-se que as reflexões apontadas a respeito da saúde mental da população atingida pelas enchentes possam ser discutidas com os demais segmentos da sociedade, para além dos gestores e dos serviços de saúde, a fim de contribuir com o entendimento dos mecanismos de enfrentamento em situações de desastre e na melhor forma de prevenção do agravamento do sofrimento psíquico. Além disso, é necessário que essas pessoas tenham apoio para se reestruturarem após o período das enchentes, tanto no âmbito social quanto em relação à sua saúde física e mental.

Referências

1. Carvalho MM, Oliveira SS. Psychosocial aspects in socioenvironmental disasters of geoclimatic origin: an integrative literature review. *Saúde Debate*. 2020;44(Spec No 2):334-52. doi: 10.1590/0103-11042020E223.
2. United Nations Office for Disaster Risk Reduction (UNDRR). Disaster displacement: how to reduce risk, address impacts and strengthen resilience [Internet]. Geneva (CH): UNDRR; 2019 [cited 2024 jun 26]. Available from: <https://www.preventionweb.net/publications/view/58821>.
3. Silva EL, Resende RMS, Frutuoso RL, Bezerra AB, Salvi BB, Rohlf DB. Emergência em saúde pública por inundações: a atuação do Ministério da Saúde em ocorrências no Brasil de 2004 a 2017. *Saúde Debate*. 2020;44(N Esp 2):176-87. doi: 10.1590/0103-11042020E212.
4. BBC News Brasil. Rio Grande do Sul [Internet]. 2024 [acesso em 2024 jun 26]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/topics/c06gq6k654jt>.
5. Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil do RS. Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS [Internet]. Porto Alegre: Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil do RS; 2024 [acesso em 2024 jun 26]. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/inicial>.
6. Ribeiro MP, Freitas JL. Atuação do psicólogo na gestão integral de riscos e desastres: uma revisão sistemática da literatura. *Gerais Rev Interinst Psicol.* 2020;13(2):1-20. doi: 10.36298/gerais202013e14794.
7. Nappi MML, Nappi V, Souza JC. Multi-criteria decision model for the selection and location of temporary shelters in disaster management. *J Int Humanit Action*. 2019;4(16). doi: 10.1186/s41018-019-0061-z.
8. Rafaloski AR, Zeferino MT, Forgearini BAO, Fernandes GCM, Menegon FA. Mental health of people involved in natural disasters from the perspective of the workers involved. *Saúde Debate*. 2020;44(Spec No 2):230-41. doi: 10.1590/0103-11042020E216.
9. Gawrych M. Climate change and mental health: a review of current literature. *Zmiany klimatu a zdrowie psychiczne: przegląd aktualnej literatury*. *Psychiatr Polsk.* 2022;56(4):903-15. doi: 10.12740/PP/OnlineFirst/131991.

10. Queirós C. Saúde mental nas pandemias e catástrofes: o risco de adoecer psicológico. *Territorium*. 2023;30(1):61-75. doi: 10.14195/1647-7723_30-1_5.
11. Gonzalez AC, Pereira VA, Carniatto I, Dalla Valle AC. Impacto dos desastres naturais em uma população do Sul do Brasil e a importância da Educação Ambiental para redução dos riscos. *Rev Eletrônica Mestr Educ Ambient*. 2023;40(1):53-7. doi: 10.14295/remea.v40i1.13935.
12. Silveira ALL. Chuvas e vazões da grande enchente de 1941 em Porto Alegre/RS [Internet]. Bol Geogr Rio Gd Sul. 2020 [acesso em 2024 jun 26];35:69-90. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217187>.
13. Torres LH. Águas de maio: a enchente de 1941 em Rio Grande. *Historiæ* [Internet]. 2012 [acesso em 2024 jun 26];3(3):239-54. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3270/1949>.
14. Rodrigues Neto EXR, Lima AJ. Inundações em Teresina-Piauí: uma questão sócio histórica. *Rev Bras Gest Urbana*. 2019;11:e20180177. doi: 10.1590/2175-3369.011.e20180177.
15. Ramos JK, Krug J, Ferretti PC, Kroenke A. The effect of natural disasters on direct foreign investment from countries. *Rev Ibero Am Est*. 2021;20(1):e16234. doi: 10.5585/riae.v20i1.16234.
16. Freitas CM, Silva IVM, Xavier DR, Silva EL, Barcellos C. Desastres naturais e seus custos nos estabelecimentos de saúde no Brasil no período de 2000 a 2015. *Cad Saúde Pública* 2020;6(7):e00133419. doi: 10.1590/0102-311X00133419.
17. Florêncio IA, Alves DA, Sales CBPM, Oliveira ECT. Leptospirose no município de Maceió, Alagoas: caracterização dos casos confirmados. *Braz J Health Rev*. 2023;6(4):14947-58. doi: 10.34119/bjhrv6n4-077.
18. Rodríguez J, Zaccareli Davoli M, Pérez R; Organización Panamericana de La Salud. Guía práctica de salud mental en desastres [Internet]. Washington (DC): OPAS; 2009 [acceso 2024 jun 11]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/2800>.
19. Menegat RP, Witt RR. Critical Requirements for nursing practice in rural disasters caused by floods. *Rev Bras Enferm*. 2019;72(3):687-91. doi: 10.1590/0034-7167-2017-0606.
20. Gerstner RMF, Lara-Lara F, Vasconez E, Viscor G, Jarrin JD, Ortiz-Prado E. Earthquake-related stressors associated with suicidality, depression, anxiety and post-traumatic stress in adolescents from Muisne after the earthquake 2016 in Ecuador. *BMC Psychiatry*. 2020;20(1):347. doi: 10.1186/s12888-020-02759-x.
21. Manfrini GC, Treich RS, Rumor PCF, Magagnin AB, Moncada MA, Furtado JR. Primary health care actions in natural disasters. *Texto Contexto Enferm*. 2020;29:e20180256. doi: 10.1590/1980-265X-TCE-2018-0256.
22. Fernandes GCM, Bellaguarda MLR, Heideman ITSB, Meirelles BHS, Silva HL, Romero Cárdenas AV. Demands for psychosocial support from communities vulnerable to natural disasters. *Rev Bras Enferm*. 2020;73(Suppl 1):e2019021. doi: 10.1590/0034-7167-2019-0213.

Contribuições de autoria

1 – Maria de Lourdes Custódio Duarte

Autor Correspondente

Enfermeira, Doutora – malulcd@yahoo.com.br

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

2 – Daniela Giotti da Silva

Enfermeira, Mestranda – danigliotti13@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

3 – Alessandra Porto d'Ávila

Enfermeira, Mestranda – alessandradavilamk@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

4 – Eduarda Paza Dias

Graduanda em Enfermagem – eduardapazadias@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

5 – Natália Klauck de Souza

Enfermeira, Mestranda – nataliaklaucks94@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

Editor-Chefe: Cristiane Cardoso de Paula

Editor Associado: Daiana Foggiato de Siqueira

Como citar este artigo

Duarte MLG, Silva DG, d' Ávila AP, Dias EP, Souza NK. Reflections regarding mental health after the 2024 floods in the south of Brazil. Rev. Enferm. UFSM. 2025 [Access at: Year Month Day]; vol.15, e8:1-14. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769288634>